

# Procedimentos de ensino e aprendizagem da notação musical na perspectiva dos licenciandos

*Teresa Mateiro*<sup>1</sup>

*UDESC*

*Tâmara Okada*<sup>2</sup>

*UDESC*

**Resumo:** Este estudo teve como finalidade compreender, a partir da percepção de licenciandos acerca de uma aula de música gravada em vídeo, a relação existente entre a representação da notação musical não tradicional e sua utilização durante os processos de ensino e aprendizagem do sistema simbólico musical. Os estudantes do curso de Música-Licenciatura escreveram individualmente suas observações enquanto viam o vídeo, objetivando capturar suas reações imediatas. Para a análise dos dados empregou-se o conjunto de técnicas da Análise de Conteúdo, categorizando-se os textos dos estudantes em unidades temáticas. Os dados classificados na categoria denominada de notação musical são apresentados e discutidos neste artigo à luz de conceitos e estudos acerca da notação musical tradicional e não tradicional. Os resultados mostram que uma quantidade significativa de estudantes citaram a maneira como a professora utilizou desenhos de guardachuvas e corações para representar a notação musical tradicional, auxiliando

---

1 Professora do Departamento de Música do CEART/UDESC, Florianópolis e da Escola de Música, Arte e Teatro da Universidade de Örebro, Suécia - teresa.mateiro@udesc.br

2 Acadêmica do Curso de Música do CEART/UDESC, bolsista de iniciação científica PROBIC/UDESC

do a compreensão e assimilação das crianças do conteúdo que estava sendo abordado. Conclui-se, assim, que a utilização de desenhos familiares à criança pode ser uma ferramenta de apoio pedagógico para a aprendizagem dos conteúdos de percepção musical.

**Palavras-chave:** processos de aprendizagem, notação musical, sistemas de representação

**Abstract:** This study, from student music teachers' perception of a videotaped music class, aims to understand the relationship between the representation of nontraditional musical notation and its use during the processes of teaching and learning musical symbolic system. The students of Music Teaching Program individually wrote their comments as they watched the video, aiming to capture their immediate reactions. For data analysis we used a set of techniques of content analysis, categorizing the texts of students in thematic units. Data classified as music notation are presented and discussed in this article in the light of concepts and studies on traditional and nontraditional musical notation. The results show that a significant amount of students cited the way the teacher used drawings of umbrellas and hearts to represent the traditional musical notation, aiding the children to understand and assimilate to the content that was being addressed which concludes that the use of drawings familiar to the child can be a tool to support teaching learning the content of musical perception.

**Keywords:** processes of learning, music notation, representational systems

## **Introdução**

Em todas as áreas, ao longo da história da comunicação e desenvolvimento das culturas, os símbolos tem sido considerados uma forma importante de registro. Em se tratando de música, diferentes sistemas de representação gráfica tem sido utilizados para representar os eventos sonoros também como um meio de comunicação. Na literatura específica da área de educação musical encontram-se os termos notação musical

tradicional e não tradicional (alternativaou analógica e inventada ou espontânea), principalmente em trabalhos acerca do desenvolvimento cognitivo musical<sup>3</sup> relacionado ao processo da percepção de elementos musicais, tais como duração e altura (Bamberger, 1990; Frey-Streiff, 1990, Ilari, 2002; 2003). Esse termos serão tratados ao longo deste artigo.

A notação musical, segundo Ciszewski (2010), nada mais é do que o registro dos sons que tem como função auxiliar os músicos durante a execução de obras musicais. Mais conhecida como "notação musical tradicional", esta forma de registro é composta por figuras musicais que são utilizadas para historiar os sons de acordo com suas alturas e durações. Para Zamprona (2000) a notação tradicional é definida como sendo a representação de um som musical. A notação tradicional ideal é aquela que, além de registrar, transmite a comunicação musical da forma mais exata. Não a obra em si, pois esta só está presente na performance, sendo a notação musical um código que auxilia a execução dessas obras que estão contidas numa performance e não em uma partitura. Segundo o autor "conhecer o código é justamente saber identificar os caracteres do sistema de notação e objetos aos quais se referem, além de conhecer as regras de associação desses caracteres" (p.26). Sendo assim, notação

---

3 Para maior aprofundamento ver Krumhansl (2006). A autora discorre sobre pesquisas realizadas nas áreas de percepção (ritmo e altura) e cognição musical.

não é considerada música, mas um meio a partir do qual se registra e comunica a música e que é, basicamente, singular e separada dela porque a música - que é um objeto real - é codificada por um outro sistema, a escrita.

Comentando a respeito da representação gráfica musical a partir do século XX, França (2010) e Ciszewski (2010) ressaltam que os compositores buscaram diferentes maneiras para registrar os sons, empregando gráficos, desenhos, símbolos e figuras ilustrativas, ou seja, formas não lineares e unidimensionais estabelecidas até então como característica da escrita oficial. Os autores estabelecem um paralelo entre essas formas alternativas de registro e as representações feitas pelas crianças, destacando a aproximação da grafia, o estímulo à imaginação e a ampliação de possibilidades de criação musical.

Comparando a notação musical tradicional e a notação alternativa ou analógica, França (2010, p.11) sublinha que "enquanto na notação tradicional o registro das durações requer longo aprendizado (padrões rítmicos, compassos e divisão), na notação analógica ele é quase inequívoco: sons curtos são representados por pontos ou traços horizontais pequenos; sons longos por meio de traços maiores". Essa afirmação é evidenciada quando a autora analisa as representações de durações e alturas por meio da notação analógica, descrevendo o encontro de duas

dimensões que lembram um plano cartesiano, em que há um eixo horizontal para as durações das notas e um vertical para as alturas. Essas formas bidimensionais, segundo França, representam progressos significativos para o compositor da segunda metade do século XX.

De acordo com França (2010) anotação analógica é um meio que tem como alicerce a semelhança tanto na escuta e compreensões musicais como na performance e está fundamentada na relação entre as características dos campos auditivo e visual. É, ainda, um meio que promove a criação, performance, escuta, análise e compreensão musicais e, de forma espontânea na musicalização, a notação analógica é uma continuidade da movimentação do espaço quando "pontos, linhas, contornos, emaranhados, arabescos" (p.11) surgem nas representações gráficas das crianças.

A notação musical inventada ou espontânea, segundo Ilari (2004), surge na prática da sala de aula como um meio pedagógico de introduzir a criança ao sistema da representação gráfica de eventos sonoros. Professores estimulam crianças a criarem notações e desenhos a partir da música com o objetivo de desenvolver a percepção e a criatividade. Entretanto, esse procedimento de ensino tornou-se objeto de pesquisas na área da psicologia da música, cujos resultados tem contribuído para uma maior compreensão do desenvolvimento cognitivo musical do ser

humano. Ilari (2003) afirma que as representações musicais que são inventadas variam conforme as idades das crianças e as fases da aprendizagem musical.

Enquanto as crianças bem pequenas (3 a 5 anos) utilizam muitos desenhos que ilustram a letra das canções, as crianças maiores (6 a 10 anos) representam ritmos e alturas com símbolos inventados e desenhos. Contudo, quando a notação musical tradicional é introduzida, a maioria das crianças apresenta dificuldades em representar canções usando símbolos inventados (Ilari, 2002b). Ainda assim, a utilização de notações tradicionais e inventadas pode auxiliar no desenvolvimento dos sistemas de orientação espacial, de ordenação sequencial e do pensamento superior (ILARI, 2003, p. 15).

Para Ilari (2003), apesar de existirem muitos educadores que incentivam a "construção da notação", que começa por meio das representações musicais inventadas pela criança e leva em conta as experiências que cada uma traz consigo, uma parte deles acredita que a notação tradicional deve ser ensinada assim que a criança inicie sua prática musical. Portanto, a utilização de desenhos e da notação inventada ou espontânea é um assunto que tem gerado muitos debates entre os educadores musicais contemporâneos.

Resumindo: a notação tradicional é compreendida como a representação de um som musical com as funções de registro e comunicação (Zamprona 2000); a notação alternativa ou analógica é a que utiliza figuras e desenhos familiares às crianças para representar os sons e/ou para relacioná-los à notação musical tradicional (França, 2010); e a notação

musical inventada é aquela criada de maneira espontânea por cada indivíduo (Ilari 2004).

Este estudo<sup>4</sup> teve como finalidade compreender a relação existente entre a representação da notação musical não tradicional e sua utilização como apoio pedagógico ao ensino do sistema simbólico musical a partir da percepção de 23 licenciados acerca de uma aula de música gravada em vídeo. Portanto, a questão de pesquisa que conduziu este estudo foi: como estudantes do curso de Licenciatura em Música perceberam o processo de ensino e aprendizagem da notação musical na aula observada?

Para melhor fundamentar as discussões sobre a notação musical não tradicional, (alternativa ou analógica, inventada ou espontânea) apresenta-se a seguir um referencial teórico complementar referente aos conceitos de representação, relacionando o registro sonoro musical e o desenho infantil.

### **Sistemas de representação: música e desenho**

Os trabalhos teóricos de Piaget tem fundamentado pesquisas na área da teoria cognitiva que, por sua vez, tem sido referencia para outras áreas como, por exemplo, música e artes visuais. Na educação musical, o modelo espiral de desenvolvimento musical proposto por

---

<sup>4</sup> Parte deste trabalho foi apresentado no VIII Simpósio de Cognição e Artes Musicais - SIMCAM8 (ver Mateiro; Okada, 2012).

Swanwick e Tillman (1986) tem como um dos princípios de organização a teoria do jogo de Piaget. Nas artes visuais, a teoria de Luquet sobre a evolução do desenho infantil nutriu a teoria dos estágios do desenvolvimento cognitivo de Piaget (Duarte 2011; Pillar, 2012) e tem sido bastante citada nas pesquisas que tratam sobre o desenho infantil. Considerando que o foco deste estudo é a discussão sobre a notação musical não tradicional (figuras, desenhos) como possível ferramenta pedagógica nos procedimentos de ensino e aprendizagem, serão utilizados também nesta seção autores da área das artes visuais que, apoiados em conceitos de Luquet e Piaget, como o sistema de representação, vem refletindo sobre o desenho infantil.

Segundo Pillar (2012), um sistema é um grupo organizado de dados em que a conexão entre eles é o que estabelece como este é composto. Tais dados modificam-se estruturalmente, embora mantenham seu funcionamento. Segundo a autora, a compreensão e a organização são a base de um sistema e é preciso analisar o elemento a ser representado, enfatizando as ligações entre todos eles, elegendo elementos e coordenações que estão inseridos na representação. Assim como a constituição de um sistema, a interpretação deste são obras de reorganização da realidade em que apenas alguns deles, bem como suas relações e propriedades estão inclusos.

É necessário que a criança consiga distinguir os elementos e as semelhanças adequadas aos sistemas para conseguir apreendê-los, continua Pillar (2012). Para atingir esta etapa, ela necessitará reorganizá-los, distinguindo a origem da conexão entre o objeto de conhecimento e sua representação. Por isso, muitas vezes, parafraseando a autora, desenhar significa traduzir uma percepção visual ou auditiva em um gesto gráfico, ou seja, a internalização das experiências de um indivíduo ocorre quando algo que acontecia externamente passa a ocorrer internamente.

França (2010) ao comentar sobre as produções gráficas infantis destaca que a partir do momento que a criança realiza movimentos cadenciados, ela tende a registrá-los nos mais variados lugares como, por exemplo, em papéis, nas paredes, no chão ou nos sofás, associando o encanto do gesto motor ao prazer de notar sua marca. Depois a criança começa a se interessar em grafar o mundo real e segue assim até o momento em que ela reconhece o papel como um espaço que pode abrigar os registros de um mundo imaginário. Citando Luquet, Duarte (2011a, p.33) destaca que "uma imagem mental precisa encontrar uma solução gráfica, bidimensional", pois o mundo é percebido em três dimensões.

O desenho é um recurso cognitivo, comunicacional e permanece como um recurso de registro, de indicação dos objetos do mundo, afirma Duarte (2011a). A criança se satisfaz com um desenho que apresente

suficientemente o objeto representado. É a primeira forma de "escrever" a palavra que nomeia o objeto. Assim, "palavra e desenho são equivalentes simbólicos" e, parafraseando a autora, a grafia musical e o desenho são também símbolos equivalentes. Enfatizando a importância do desenho no processo educacional, Fassina (2011) afirma que é possível que o desenho atue como ponte entre processos mentais e de elaboração e significação da escrita, sendo também uma possibilidade de renovação e transformação, como uma alternativa lúdica de aprendizagem. A estruturação do desenho envolve processos muito mais complexos e reflete uma busca de significação na interação homem/mundo

Os educadores musicais podem munir-se da disposição que as crianças têm em desenhar desde os momentos primários, pois o ato de registrar é um meio de "materializar e organizar o complexo processo da percepção musical" (FRANÇA, 2010, p.10). Após o período das garatujas musicais surge a representação de instrumentos e das mais variadas fontes sonoras, seguida de esquemas, onomatopéias e notações alternativas. A autora tem tido a oportunidade de ver como o tipo de notação que o professor adota está diretamente relacionado ao desenvolvimento musical do aluno e frisa que as grafias alternativas, além de estimularem a imaginação, ampliam a criatividade musical.

## **Revisão de literatura**

Na educação musical diversas pesquisas utilizando diferentes sistemas de notação tem contribuído para os estudos do processo cognitivo musical. Como trabalhos de referência internacional, citam-se os trabalhos de Bamberger (1990) e Frey-Streiff (1990). A revisão de literatura brasileira para esta pesquisa foi delimitada às que consideraram a notação não tradicional (alternativa ou analógica, inventada ou espontânea) como objeto de estudo. Selecionamos, portanto, os estudos de Ilari (2004), Rodhen (2010), Klava (2001), e Watanabe e Cacione (2007).

O aprendizado musical de crianças e adultos foi estudado por Bamberger (1990) a partir das notações de determinados ritmos. Seus trabalhos auxiliam a compreensão de como as crianças entendem, assimilam ritmos simples e como os representam no papel. A autora investigou a produção de notação espontânea de um ritmo simples com crianças na faixa etária de quatro a doze anos e adultos com experiências musicais variadas, com ou sem conhecimento da notação tradicional. Com os resultados, verificou que tanto os adultos quanto as crianças, entre nove e doze anos, tinham grafias semelhantes, porém diferentes das crianças com idade de quatro a cinco anos.

Bamberger (1990) concluiu que, ao se fazer representações gráficas de um fenômeno sonoro, expõe-se o chamado "conhecimento

em ação". Mesmo que o indivíduo não tenha tido nenhum contato com a grafia musical tradicional, ela enfatiza que os rumos a se tomar tanto na pesquisa quanto no ensino devem se preocupar mais com as estratégias formais, ou seja, a compreensão dos meios que o sujeito utiliza para integrar suas definições imaginárias e as que rotineiramente são associadas ao modo de pensar dos adultos.

Frey-Streiff (1990) realizou uma pesquisa com crianças de 7 a 12 anos que não tinham formação musical nem experiência instrumental. Foram escolhidas duas melodias de canções populares para o estudo, sendo solicitado às crianças que representassem a notação dessas melodias de modo que outra pessoa entenda à quais canções estas se referem. A análise dos dados permitiu verificar seis tipos de notação e , posteriormente, a autora verificou que as crianças foram mais cativadas ou atribuíram maior importância às propriedades relativas à altura do som, sendo que o resultado mais evidente dessa pesquisa é que a criança não idealiza a unidade-som como elemento indispensável da melodia. Nas palavras da autora:

Na conceitualização espontânea de um todo musical, a unidade-som parece não se impor de imediato, mas constituir o coroamento de uma elaboração completa. O som que, com suas propriedades, geralmente é o ponto de partida do ensino musical, corresponde então a um dado que não tem (ou pouco tem) significação para a criança, nem em relação à sua atividade de cantar nem em relação às composições musicais que lhe são familiares (FREY-STREIFF, 1990, p.167-168).

De acordo com Ilari (2004), as notações inventadas e desenhos feitos a partir de determinada música são ferramentas de apoio pedagógico que tendem a estimular o desenvolvimento tanto da percepção quanto da criatividade. Durante o XII Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), realizado na cidade de Florianópolis (SC), a autora realizou uma pesquisa com 43 professores de música de diversas partes do país, sendo oito homens e 35 mulheres, com idades que variavam entre 19 e 55 anos e um tempo de leitura de partitura médio de 17 anos (que variava entre um ano e meio e 48 anos). Foi solicitado que cada participante representasse a canção Parabéns a você - com notações inventadas - numa folha de papel em branco para alguém que não estivesse presente na sala de aula. Os participantes da pesquisa demonstraram dificuldade para representar a canção sem a utilização da grafia tradicional, apresentando notações pouco criativas e bem simplificadas. Tal análise mostrou que, assim como nos trabalhos de Bamberger (citados por Ilari, 2004), não foram verificadas diferenças nos tipos de notações inventadas de acordo com a idade, tempo de educação musical formal e gênero. Ilari (2004), a partir dos resultados dessa análise afirma que é necessário incluir e estimular o conhecimento sobre os diversos sistemas de notação, tanto de crianças quanto de adultos, pois esses sistemas permitem desenvolver o pensamento musical e criativo.

Rhoden (2010), objetivando entender o sentido e o significado das notações musicais das crianças tendo como finalidade trazer novas contribuições e um novo olhar para a área da educação musical, realizou um trabalho na Fundação Municipal de Artes de Montenegro (RS), com um grupo formado por nove crianças, sendo duas meninas e sete meninos com idades de quatro a seis anos de idade. As crianças foram reunidas em duplas e trios para criarem uma composição musical e para grafá-la em uma folha de papel. Foram utilizados instrumentos de percussão (coco, clavas, pau-de-chuva, caxixi, tambor, matalofone, xilofone, entre outros), papel desenho no tamanho A4, giz de cera e canetinhas coloridas. No decorrer da atividade, Rodhen percebeu que as crianças sentiam-se aptas e motivadas a representar, cada uma do seu jeito, o que havia sido proposto, tornando essa atividade uma nova prática para as aulas de educação musical. A autora afirma que ao explorar a criatividade das crianças, a representação dos ritmos foi se mostrando mais rica e real para elas, por notarem da forma como entendiam, para posteriormente aprenderem a mesma sequência na escrita musical tradicional. A utilização de grafia não tradicional em sala de aula é uma atividade destacada por Rodhen que enfatiza a importância de incentivar seu uso como um recurso que torna uma aula mais interessante para as crianças.

Procurando entender como as crianças pensam e organizam sua imaginação em relação a como representar determinada música, Klava (2001) realizou um trabalho com crianças de três a seis anos. O objetivo foi o de verificar o desenvolvimento de representações gráficas de crianças no início da alfabetização, ou seja, de crianças não alfabetizadas, buscando entender como ocorrem os processos do desenvolvimento cognitivo. A autora selecionou três canções para serem trabalhadas, sendo que cada focava em determinado elemento para a escrita musical: a representação de sonoridades não convencionais, de ritmos e de melodias. Foram realizadas três coletas de dados por turma, sendo que em cada uma pediu-se às crianças que escrevessem a música solicitada. Klava observou que a partir desta prática, além das crianças desenvolverem-se musicalmente, começaram a ter maior interesse em como representar as músicas que haviam executado, ouvido ou cantado, e aprenderam que a música pode ser escrita de inúmeras formas e não apenas por meio da grafia tradicional.

Watanabe e Cacione (2007) realizaram um trabalho com crianças de dois a sete anos de idade, de uma escola de educação infantil e ensino fundamental na cidade de Londrina (PR), a fim de apurar as relações entre os níveis de cognição da escrita alfabética e da notação musical, a partir de análise comparativa entre as diversas maneiras utilizadas para se representar graficamente eventos sonoros e sons da linguagem. O objetivo

era permitir à criança a livre representação, utilizando qualquer elemento ao seu alcance para representar satisfatoriamente, para si mesma, o evento sonoro apreciado. Os alunos não tiveram orientações para fazer essas representações. A professora somente se limitou a estimular a representação com frases como: "escreva/desenhe como você acha que é", ou "escreva como você desenharia" e finalmente, "faça da melhor forma que você puder" (WATANABE; CACIONE, 2007, p.9). Após as análises comparativas dos dois tipos de registro, as autoras ressaltaram a importância da aquisição da escrita musical paralela à escrita alfabética, principalmente com a formalização do ensino de música no currículo escolar das escolas brasileiras. Segundo elas, essa aquisição concomitante propiciará uma nova afinidade com a cultura musical.

## **Metodologia**

Participaram deste estudo 23 estudantes do curso de Música-Licenciatura de uma universidade brasileira<sup>5</sup>, matriculados no 4º semestre e com idade média entre 20 a 24 anos, durante o período da coleta de dados. Além das disciplinas específicas de música, os estudantes haviam cursado durante quatro semestres duas disciplinas de educação musical,

---

<sup>5</sup> Estudantes suecos e canadenses também participaram deste projeto de pesquisa, tendo sido expostos aos mesmos procedimentos metodológicos. Alguns resultados tem sido apresentados em congressos (ver, por exemplo Russell; Mateiro; Westvall, 2009 e Mateiro; Westvall, 2012) e outros poderão ser encontrados em Mateiro; Westvall (no prelo).

sendo uma delas a de Didática da Música - disciplina em que foi realizada esta pesquisa. O estágio supervisionado, momento em que os estudantes vão para as escolas, aconteceria no semestre posterior, ou seja, esses estudantes ainda não tinham vivenciado a sala de aula atuando como professores.

É importante ressaltar que a participação dos estudantes foi voluntária<sup>6</sup> e, portanto, não avaliativa para a disciplina em questão. O anonimato foi preservado, utilizando-se nomes fictícios e mantendo-se as relações de gênero, isto é, nomes masculinos para alunos e nomes femininos para alunas.

O objeto de estudo desta pesquisa foi uma aula de música gravada em vídeo, de aproximadamente 30 minutos. Trata-se do estudo de caso realizado por Russell (2000; 2005) com uma turma do 1º ano do ensino fundamental em uma escola canadense. Os estudantes assistiram ao vídeo apenas uma vez, como uma aula em tempo real, e individualmente escreveram suas observações. Foram estimulados a escrever de forma descritiva e reflexiva, pois não se tratava de avaliar o trabalho da professora.

---

6 Foram observadas as determinações da Resolução nº 196 de 1996 CNS/MS que fixa as Diretrizes e Normas Regulamentadoras sobre Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. Todos os participantes deste estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Considerando que os dados eram textos de redação livre, o conteúdo foi avaliado por temas, ou seja, após a leitura, os textos dos estudantes foram organizados em unidades temáticas, realizando-se, então, uma análise dos significados. A interpretação considerou o conteúdo expresso no texto sem a preocupação em compreender o que está inserido através do discurso. Optou-se, assim, pelo tratamento descritivo que tem por finalidade uma identificação objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo e uma consequente interpretação.

Esse processo de categorização e posterior análise dos textos seguiu os procedimentos do conjunto de técnicas propostas por Bardin (2009) para a Análise de Conteúdo, sendo eles: a leitura flutuante - leitura superficial dos textos; a seleção dos documentos - no caso os textos livres dos estudantes; a formulação das hipóteses; a divisão dos textos em categorias; a interpretação; e, por fim, a análise dos dados.

Dentre as unidades temáticas selecionou-se apenas uma ser discutida neste artigo: Notação Musical inserida na categoria Aprendizagem de Conceitos Musicais. Nessa categoria foram incluídas as declarações e opiniões dadas pelos estudantes sobre as atividades propostas e desenvolvidas na aula observada durante o processo de ensino e aprendizagem da notação musical.

## **Apresentação e discussão de dados**

A maioria dos estudantes destacou a importância da abordagem pedagógica da professora na aprendizagem de conceitos musicais a partir da prática e por meio de formas diferenciadas, tornando a aula musical e atrativa às crianças. Nas palavras de Marcos: "o método da professora me parece muito eficaz e de ótima assimilação das crianças, abordando o mesmo tópico de diversas maneiras, estabelecendo uma dinâmica muito coesa: trabalho com o quadro, com palitos, com expressão corporal".

Na análise realizada por Russell (2000, p.83), a autora destaca que "os conceitos incluíram a diferenciação entre notas agudas e graves, e agrupamentos de durações diferentes. Elas [as crianças] expressaram sua compreensão desses conceitos através do canto, da vocalização, do bater palmas, do movimento, da dança e da notação". A variedade, a conexão entre as atividades e as diversas maneiras de como o mesmo conteúdo foi apresentado às crianças são elementos destacados pela autora.

Referente ao processo de ensino e aprendizagem da notação musical, 15 licenciandos do total de 23, destacaram a importância da utilização de notações alternativas ou analógicas. Jefferson achou "excelente o exemplo dos guarda-chuvas como forma didática das alturas e duração de notas" e Joana ponderou que "com crianças dessa faixa etária" considera "muito legal a idéia da notação alternativa como a utilizada pela professora

quando ela desenhou os guarda- chuvas". Abaixo encontra-se o primeiro compasso da canção Rain, rain, go away (Fig.1) e sua transcrição (Fig.2) tal como foi desenhado no quadro pela professora canadense.



Figura 1: Primeiro compasso da canção Rain, rain, go away

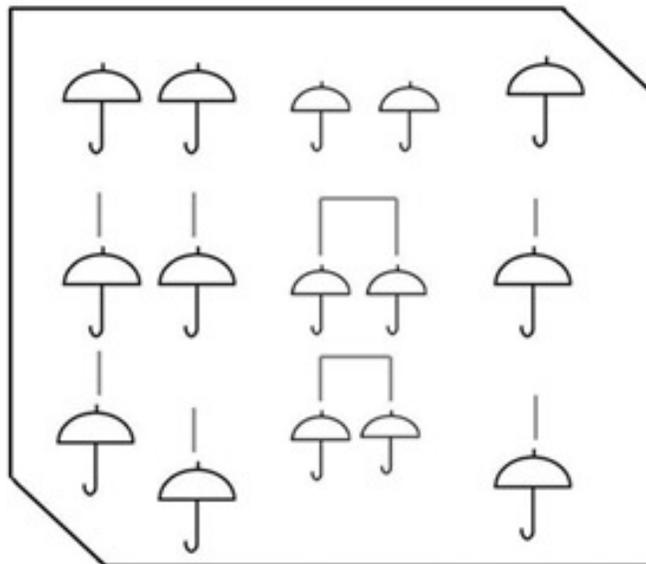


Figura 2: Representação de figuras rítmicas  
Fonte: Vídeo - Estudo de caso (Russell, 2005)  
Transcrição nossa

A forma de ensinar a notação rítmica e perceber o intervalo de terça menor tornou o conteúdo musical compreensível às crianças pelo fato de haver uma relação entre o registro sonoro e os desenhos familiares ao vocabulário infantil (guarda-chuvas) - neste contexto os desenhos escolhidos estão relacionados diretamente à letra da canção. Essa simplicidade em registrar o primeiro compasso da canção Rain, rain, go away, combinando guarda-chuvas maiores e menores, localizados mais acima ou mais abaixo de uma linha vertical imaginária, permitiu a criança distinguir cada uma das figuras que relacionadas entre si compõem um sistema de representação (Pillar, 2012).

Essa relação é o que justifica o uso bem empregado da terminologia "notação alternativa" nas palavras de Joana, ou "notação analógica" como sugere França (2010), pois as representações são análogas pelo fato de usarem desenhos para introduzir de forma lúdica os códigos da notação musical tradicional na linguagem das crianças. A maneira mais interessante de se trabalhar as notações, na opinião de França, é por meio da aprendizagem paralela de diferentes grafias, como fez a professora canadense (ver figura 2), pois começar um trabalho com notações alternativas para depois esquecê-las, como normalmente acontece, pode ser um equívoco. Esse procedimento pedagógico, continua a autora, sugere

que a notação alternativa seja apenas uma forma prévia ou inferior de ensino, enaltecendo a notação musical tradicional.

As pesquisas de Rhoden (2010), Klava (2001), e Watanabe e Cacione (2007) são exemplos de trabalhos que utilizam a notação musical não tradicional nas aulas de crianças que estão iniciando seus estudos formais de música. Os três trabalhos foram realizados com grupos de crianças entre quatro a seis anos (o grupo de Klava incluiu também crianças de 3 anos e o grupo de Watanabe e Cacione incluiu crianças de 2 e 7 anos), utilizaram a notação inventada ou espontânea como um recurso pedagógico e comentaram que essa atividade antecede a escrita musical tradicional. Na opinião das licenciandas Joana, Karin, Monalisa e Cida a notação alternativa é propícia a crianças dessa faixa etária.

O valor didático das atividades com notação não tradicional na aula de música observada pelos estudantes foi claramente explicitado em seus textos. Humberto escreveu: "a simbologia dos corações e guarda-chuvas para explicar o ritmo e a canção que estava em andamento tem um valor incrível, pois tornou-se divertido e aparentemente todos os alunos entenderam a idéia rítmica". França (2010), Ciszewski (2010) e Ilari (2002; 2003; 2004) defendem e corroboram com esse pensamento quando destacam a importância de tais notações e desenhos no desenvolvimento cognitivo da criança. Ilari (2004) sugere diversas atividades que podem

ser realizadas com notações inventadas e desenhos produzidos pelas crianças em sala de aula. Além disso, alerta que dependendo da tarefa que foi solicitada o professor poderá utilizar essas produções para avaliar os "conhecimentos musicais, culturais, sociais e interpessoais de seus alunos" (p.40).

Voltando à citação de Humberto é possível perceber que ele observou a facilidade com que as crianças podem apreender um conceito musical por meio de elementos visuais e auditivos utilizados simultaneamente. França (2010) ressalta que a notação analógica proporciona uma apreensão mais imediata do que a notação tradicional e Duarte (2011) afirma que o desenho é a primeira forma de expressão que a criança tem para escrever a palavra a que se refere um determinado objeto - nesta discussão, um evento sonoro. Aliado a esses argumentos acrescenta-se ainda o aspecto lúdico inserido nos procedimentos de ensino e aprendizagem.

Outros estudantes, além de Humberto, comentaram que as atividades da aula foram conduzidas de "maneira descontraída" (Gabriel e Gustavo). Por sua vez, Karin avalia: "a professora utiliza estímulos lúdicos, o que na minha opinião, está bem dentro do universo das crianças, além de possibilitar um aprendizado musical prazeroso". Centrando-se na utilização do desenho em sala de aula Ilari (2004) discute essa ferramenta

lúdica de ensino em seu estudo sobre os aspectos da cognição musical implícitos em notações inventadas e desenhos de crianças e adultos. O mesmo tema é discutido por Fassina (2011) em sua pesquisa sobre a contribuição do desenho infantil durante o processo de alfabetização de crianças das séries iniciais do ensino fundamental.

### **Considerações finais**

Respondendo à questão de pesquisa que guiou este estudo, que foi o de compreender como os estudantes, futuros professores de música, perceberam o processo de ensino e aprendizagem da notação musical, destacamos os seguintes aspectos: variedade e conexão entre as atividades para apresentar o conteúdo, utilização de notações alternativas ou analógicas como atividade previa e simultânea à aprendizagem da notação musical tradicional, e o lúdico como componente essencial das práticas da sala de aula.

Especificamente quanto ao ensino e à aprendizagem da notação musical durante a aula observada, os estudantes destacaram as analogias com representações gráficas, ou seja, com os desenhos do cotidiano infantil relacionado ao repertório. Os adjetivos empregados nas frases dos estudantes - ótimo, excelente, incrível - nos remeteram a interpretar que esse modo de ensinar e aprender pareceu ser algo não familiar, o que nos

fez pensar na hipótese dos licenciandos terem aprendido a ler e escrever música a partir da teoria e não da prática, em aulas monótonas e não atrativas. Entretanto, levando em conta que os licenciandos quando participaram desta pesquisa encontravam-se na metade do curso e ainda não haviam tido a experiência prática da sala de aula, concluímos que suas observações foram extremamente positivas e pertinentes ao que se refere à utilização da notação não tradicional como atividades pedagógicas das aulas de música para crianças pequenas.

Ficou claro que a utilização de desenhos familiares à criança pode ser uma ferramenta de apoio pedagógico para a aprendizagem dos conteúdos de percepção musical. A criança apreende melhor conceitos como altura e divisão rítmica através de imagens conhecidas, pois relaciona mais facilmente desenhos de formas concretas. Por isso, quando um som é representado com um código registrado sob a forma escrita tradicional torna o entendimento da percepção musical mais complexo para crianças pequenas que ainda não conhecem o conjunto de regras e os signos do código para decodificar os sinais gráficos.

O fato dos estudantes considerarem importante utilizar desenhos infantis ou notações analógicas (traços, pontos, linhas) como forma de representação gráfica do ritmo e da altura, principais dimensões da maioria dos estilos musicais, em procedimentos de ensino e aprendizagem está

diretamente de acordo com o trabalho de diversos autores (BAMBERGER, 1990; FREY-STREIFF, 1990; ILARI, 2003; CISZEWSKI, 2010; FRANÇA, 2010; KLAVA, 2001; RODHEN, 2010; WATANABE; CACIONE, 2007; DUARTE, 2011; FASSINA, 2011; e PILLAR, 2012), tanto da área da educação musical quanto da área das artes visuais, mais especificamente daqueles que estudam o desenho infantil.

Esta pesquisa não somente corrobora com trabalhos que analisam os procedimentos de ensino e aprendizagem de conceitos musicais em aulas de música como também contribui para pensar a formação inicial dos professores de música. Concluímos que temas como: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem, desenvolvimento cognitivo musical, desenho infantil, sistemas de representação, recursos didáticos diferenciados para o ensino e a aprendizagem da notação musical tradicional, e o lúdico com estratégia de ensino - merecem maior atenção durante o Curso de Música-Licenciatura.

## **Referências**

- Bamberger, Jeanne. 1990. As estruturações cognitivas da apreensão e notação de ritmos simples. In *A produção de notações na criança: linguagem, número, ritmos e melodias*. Organizado por Hermine Sinclair. Traduzido por Maria Lucia F. Moro, 97-124. São Paulo: Cortez.
- Bardin, Laurence. 2009. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Ciszevski, W. S. 2010. Notação musical não tradicional: possibilidade de criação e expressão musical na educação infantil. *Música na Educação Básica*. Porto Alegre, v.2, n.2, p. 22-33.

- Duarte, Maria Lúcia Batezat. 2011. Anotações sobre pesquisa(r) tendo como objeto o desenho infantil e adolescente. In *Desenho infantil em pesquisa: imagens visuais e táteis*. Organizado por Maria Lúcia Batezat Duarte, 169- 184. Curitiba: Editora Insight.
- Duarte, Maria Lúcia Batezat. 2011. *Desenho Infantil e seu ensino a crianças cegas: razões e métodos*. Curitiba: Editora Insight.
- Fassina, Marice Kincheski. 2011. *Desenhacão - um estudo do desempenho infantil como fonte de múltiplas possibilidades no ensino fundamental*. In *Desenho infantil em pesquisa: imagens visuais e táteis*. Organizado por Maria Lúcia Batezat Duarte, 43-66. Curitiba: Editora Insight.
- França, Cecília Cavalieri. 2010. Sopa de Letrinhas. Notações analógicas (des)construindo a forma musical. *Música na Educação Básica*, Porto Alegre, v.2, n.2, p. 8-21.
- Frey-Streiff, Marguerite. 1990. A notação de melodias extraídas de canções populares. In *A produção de notações na criança: linguagem, número, ritmos e melodias*. Organizado por Hermine Sinclair. Traduzido por Maria Lucia F. Moro, 125-168. São Paulo: Cortez.
- Ilari, Beatriz. 2004. Aspectos da cognição musical implícitos em notações inventadas e desenhos de crianças e adultos. *Revista de Educação Musical*, n.118/119:27-48.
- Ilari, Beatriz. 2003. música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n.9.
- Ilari, Beatriz. 2002. Invented Representations of a Song as measures of Music Cognitiv. *Applications of research in Music Education*, v.20, n.12, p.12-15.
- Klava, Jaqueline F. Cândido. 2001. *Estudo sobre a representação musical de crianças de três a seis anos*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade do Estado de Santa Catarina.
- Krumhansl, Carol L. 2006. Ritmo e altura na cognição música. In: Ilari, B. (org). *Em busca da mente musical. Ensaio sobre os processos cognitivos em música - da percepção à produção*. Curitiba: Ed. da UFPR, p.45-109.
- Mateiro, Teresa; Okada, Tâmara. 2012. A percepção dos licenciandos sobre a aprendizagem da notação musical. In: *Simpósio de Cognição e Artes Musicais*, 8, Maio 22-25. Anais... editado por Maurício Dottori, 471-477, Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina.